

A veracidade e conexões da obra *Paulo e Estêvão*



André Ricardo de Souza

A veracidade e conexões da obra *Paulo e Estêvão*

Data de publicação: 8/07/2021

**PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O
Consolador Londrina – Paraná – Brasil**
www.oconsolador.com

Dados internacionais de catalogação na publicação

Souza, André Ricardo de.

S729v

A veracidade e conexões da obra *Paulo e Estêvão* / André Ricardo de Souza; revisão de Angélica Reis; capa de Ana Luísa Barroso da Silva Neto, tendo por referência a capa original do livro "*Paulo e Estêvão*" publicado pela FEB. - Londrina, PR : EVOC, 2021.

91 p.

1. Literatura espírita-história e crítica.
2. Literatura espírita-estudo e ensino. 3.
Paulo e Estêvão. I. Reis, Angélica. II. Neto,
Ana Luísa Barroso da Silva. III. Título

CDD 133.9
19.ed.

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

Sumário

Apresentação	5
1. A veracidade da história narrada na obra <i>Paulo e Estêvão</i>	11
2. A economia solidária no principal livro psicografado por Chico Xavier	55
3. Uma fundamental contribuição de León Denis, Paul Singer e Emmanuel	61
4. Pedro e Paulo.....	67
5. A transição contemporânea.....	72
6. Por um movimento espírita caridosamente crítico.....	79
Sobre o autor	91

Para Margareth, com amor e gratidão.

Apresentação

O mais popular livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, como se sabe, é *Nosso Lar* (1944), ditado pelo espírito André Luiz, porém o mais importante, também conforme o médium, é *Paulo e Estêvão* (1942), de Emmanuel. Além de conter a trajetória de Paulo de Tarso, cuja história sem a contribuição de Estêvão não existiria, apresenta com riqueza de detalhes grande parte do cristianismo, não “primitivo” - termo, por vezes, interpretado como atrasado - mas sim *nascente*, como afirma o próprio autor espiritual. O primeiro e também principal texto desta singela publicação em *E-book* é um artigo que expõe um fato e evidências da veracidade da narração feita pelo mentor espiritual de Chico Xavier. Publicado em maio de 2021 na semanal revista de divulgação espírita *O Consolador*, tal artigo foi elaborado a partir do cruzamento analítico de informações contidas nas duas principais biografias do apóstolo, bem como de textos bíblicos e importantes obras espíritas, de modo a

afirmar que a história contada em *Paulo e Estêvão*, contrariamente ao que denotam dois filmes espíritas, é integralmente real. Por esses motivos, em vez de romance (palavra que remete a ficção) tal obra deveria ser chamada de *livro histórico* e merece, sem dúvida, tornar-se uma produção cinematográfica, quando isso for possível e oportuno.

Uma constatação feita ao observar com atenção a trajetória de Paulo de Tarso, guiado espiritualmente por Estêvão, é o registro de um fenômeno socioeconômico que existe atualmente e que fez parte da Casa do Caminho em Jerusalém. Trata-se de um grupo de trabalho coletivo, caracterizado pela repartição dos ganhos por ele auferidos, de modo a beneficiar as pessoas atendidas e tornar aquela, que foi a primeira comunidade cristã da história, tão autônoma quanto possível da influência aristocrática judaica. Chamada por Emmanuel de “colônia de trabalho”, tal experiência surgiu da proposta do convertido de Damasco a Simão Pedro e da coleta de recursos feita por aquele ao

longo dos anos, durante suas viagens missionárias. Essa forma igualitária e fraterna de organização do trabalho foi também pensada e propalada, entre o final do século XX e início do XXI, por Paul Singer, saudoso professor de economia da Universidade de São Paulo (USP). Este é o tema do segundo texto, publicado originalmente em 15 de fevereiro de 2019 no boletim do Grupo Espírita Chico Xavier (GEECX).

Tal contribuição de Singer é contemplada nos outros dois pequenos textos que compõem esta publicação. Num deles, o pensamento do economista é equiparado ao do pioneiro espírita francês Léon Denis, que, tal como ele, foi um operário que se tornou intelectual e dedicou-se à reflexão e à busca de edificação do socialismo fraterno, chamado por Emmanuel (também abordado no texto) de *socialismo cristão*. Pela importância que atribuo ao tema desse artigo o publiquei no boletim do GEECX em 28 de novembro de 2020 e na revista *O Consolador* em 10 de janeiro de 2021. No segundo texto, publicado no boletim do GEECX em 22 de janeiro

de 2021, o professor uspiano é colocado analiticamente ao lado de outro saudoso amigo meu, de nome Pedro Santini, que contribuiu bastante amorosamente em comunidades espíritas paulistas. Pelas características pessoais de ambos eu os associei, no texto, aos apóstolos: Paulo de Tarso e Simão Pedro.

Como sabemos, no principal livro psicografado por Chico Xavier é abordada a transição ocorrida no cristianismo de uma religião exclusivista - pois circunscrita a originais adeptos do judaísmo e homens circuncisos - a uma religião universal, aberta a todas as pessoas, independentemente de aspectos étnico-raciais ou outros quaisquer, por obra do apóstolo dos gentios. Outra transformação, de escopo maior, nos afeta e chama atenção atualmente. Trata-se da transição planetária, sendo ela explicada por Allan Kardec e Emmanuel, conforme outro texto meu publicado no boletim do GEECX, em 2 de agosto de 2020. Devido à importância desse tema e pelo fato de contemplar o pensamento do autor espiritual de *Paulo e Estêvão* eu inseri esse artigo

também na presente publicação.

Por fim, se encontra uma entrevista que o amigo e professor de educação especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Almir Del Prette, gentilmente, fez comigo e foi publicada na revista *O Consolador* em 5 de julho de 2020. Nela, também faço menção a Paul Singer e, além de contar minha modesta trajetória no espiritismo e na carreira acadêmica, lanço um desafio ao movimento espírita. Embora eu não tenha mencionado *Paulo e Estêvão*, a salutar provocação feita nela poderia ser, de alguma maneira, sintetizada no texto de Emmanuel intitulado “Breve notícia”, que introduz aquele livro chamando atenção para a importância de os centros espíritas valorizarem a experiência do cristianismo nascente.

Além das pessoas citadas no primeiro texto deste *E-book*, agradeço bastante ao amigo Almir por ele ter sugerido, espontaneamente, à editora a publicação deste *E-book*, bem como ao coordenador dela e da revista *O Consolador*, Astolfo Olegário Oliveira Filho, a Flávio Mussa

Tavares por também ter sugerido a publicação deste livro e ao editor do GEECX, Antonio Cesar Perri de Carvalho, pelo espaço aberto no referido boletim. O papel de todos esses confrades na presente publicação remete ao princípio da *cooperação*, destacado por Emmanuel no referido texto introdutório à principal obra psicografada por Chico Xavier, que está completando 80 anos e cuja grande importância, a meu ver, ainda está por ser plenamente reconhecida pelo movimento espírita.

André Ricardo de Souza

Outono de 2021

I. A veracidade da história narrada na obra *Paulo e Estêvão*

Introdução

Ditado pelo espírito Emmanuel e publicado em 1942 o livro *Paulo e Estêvão* foi considerado por Francisco Cândido Xavier a sua principal obra mediúnica e classificado pela Federação Espírita Brasileira (FEB), que o editou, como um “romance histórico”. Romance é definido no principal dicionário (Ferreira, 2004, p. 1771) como: “descrição longa de ações de personagens fictícios; descrição exagerada ou fantasiosa; enredo de coisas e falas inacreditáveis; fato ou episódio real, mas tão complicado que parece inacreditável”. Já um romance histórico é definido, corretamente, no Wikipédia como: “um gênero literário em prosa em que a narrativa ficcional se ambienta no passado”¹. O presente artigo contesta a tipificação de *Paulo e Estêvão* como

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Romance_hist%C3%B3rico Acesso em: 10/02/2021.

romance histórico, argumentando em prol do reconhecimento da veracidade integral desse livro sobre a trajetória de Paulo de Tarso e o cristianismo nascente.

Decorrências da classificação como um romance histórico

Tendo me tornado espírita somente em 1999, demorei dez anos para começar e terminar de ler *Paulo e Estêvão*, inconscientemente, devido à associação generalizada entre romance e ficção, a despeito do meu reconhecimento a Emmanuel e Chico Xavier. Depois deste, li com muito interesse e atenção os demais “romances históricos” publicados por essa dupla. Cabe dizer que a grande valorização já feita dessa obra (mas, infelizmente, parece, deixada de lado) pelo juiz de direito Haroldo Dutra Dias me despertou a atenção para sua leitura. Porém aqueles vídeos de palestras e entrevistas no YouTube, bem como o seminário lítero-musical a respeito do tema protagonizado por ele, concretamente, não atingiram ou não convenceram uma parte do

movimento espírita. A primeira vez que me deparei com essa realidade foi em 2017 quando uma liderança de um centro espírita paulistano, pessoa com perfil intelectualizado, afirmou durante um pequeno seminário voltado a integrantes da própria comunidade religiosa que Abigail seria exemplo de uma “invenção poética” de Emmanuel para tornar bela a narrativa do livro.

Mas a evidência de significativo descrédito no meio espírita da principal obra psicografada pelo saudoso médium só apareceu a mim quando assisti na televisão paga Amazon Prime, em 2020, o filme *Paulo de Tarso e a história do cristianismo primitivo*, de tipo ‘docudrama’, combinando aspectos de documentário e encenações. Produzido, dirigido e narrado pelo jornalista André Marouço, apresentador de programas na TV Mundo Maior, ligada à Fundação André Luiz - FEAL², contava no elenco com o renomado ator

² O longa-metragem contou com apoio promocional de: TV Mundo Maior, Rádio Boa Nova, Mundo Maior Filmes - todas vinculadas à FEAL - além da Rádio Rio de Janeiro e da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE-SP), assim como o patrocínio da TV Alvorada Espírita.

Caio Blat interpretando Estêvão. Entrou em cartaz no cinema em 3 de outubro de 2019 - dia do nascimento de Allan Kardec, vale lembrar - tendo havido campanha de divulgação dele junto a núcleos espíritas, tal como ocorrera com outros filmes do gênero. Seu diretor explicou assim o fato de o longa-metragem ter sido pouco assistido no cinema: “esse tipo de filme não consegue grande abrangência no mercado comercial porque não se trata de um romance” [grifo meu]³.

No longa-metragem, é narrada a trajetória de Paulo de Tarso, mostrando-se muitas imagens atuais dos lugares por ele percorrido, com base nos textos bíblicos: *Atos dos Apóstolos* e cartas paulinas. Há nele comentários de alguns conhecidos palestrantes espíritas⁴, principalmente do professor de ciências da religião, vinculado à Universidade Federal da Paraíba, Severino Celestino da Silva, que é igualmente apresentador

3 https://www.youtube.com/watch?v=8_ygakl9rQo Acesso em: 23/02/2021.

4 André Luiz Ruiz, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Jorge Damas Martins e José Carlos de Lucca. Cabe lembrar que Perri escreveu o texto “70 anos de *Paulo e Estêvão*” que compõe a edição comemorativa das sete décadas da obra, publicada, em 2012, enquanto ele presidia a FEB.

de programas na TV Mundo Maior. Pesquisador bíblico e organizador de viagens comerciais para grupos espíritas à Palestina e à Europa, Celestino foi curador, ou seja, consultor do filme.

Embora seja enfatizado no longa-metragem - através das falas de Celestino, Ruiz e Lucca - a influência que Estêvão teve sobre toda a trajetória do apóstolo dos gentios, o livro de Emmanuel não tem nenhum de seus trechos reproduzidos e, mais que isso, não é sequer citado. Outro dado elucidativo do descrédito da obra psicografada por Chico Xavier é a afirmação por Marouço no filme: “Os cristãos, após a romanização, aprenderam a idolatrar líderes religiosos, oradores, autores e médiuns como seres dotados de infalibilidade”⁵. Vale registrar também que o longa-metragem comete apenas um erro, porém importante, também em relação a *Atos dos Apóstolos* mediante a afirmação de que “Entre os mais desconfiados da conversão de Paulo estava

⁵ Embora haja no meio espírita, realmente, idolatria de determinadas pessoas com tais perfis, o fato é que o diretor do filme se referiu, de modo subliminar, a Chico Xavier e seu livro psicografado.

o apóstolo Pedro”.

Contradizendo *Paulo e Estêvão*, o filme aponta não Simão Pedro, mas sim Tiago Menor como sendo, desde o início, o legítimo e grande líder da primeira comunidade cristã em Jerusalém, chamada de Casa do Caminho na obra de Emmanuel. No capítulo 15 de seu livro intitulado *O evangelho e o cristianismo primitivo* (2010), Severino Celestino destaca o papel de Tiago reverberando a posição de dois teólogos que viveram no século III: Eusébio de Cesareia (265-339) e Clemente de Alexandria (150-215), de que o apóstolo seria irmão biológico de Jesus⁶. O fato de Paulo de Tarso se referir a Tiago como “irmão do Senhor” na *Carta aos Gálatas* (1:19) reforça tal interpretação, embora pesquisadores contemporâneos, também não católicos, afirmem serem eles apenas parentes. Ocorre que o espírito Humberto de Campos (2013), na obra *Boa Nova* -

⁶ Em duas edições do programa “Abrindo a Bíblia”, da TV Mundo Maior, exibidos: em 03/09/2010 e 11/04/2011 e disponíveis no YouTube, Celestino abordou a suposta liderança exercida de modo incontestado, em seu entender, por Tiago Menor na comunidade cristã de Jerusalém, fazendo ele menção ao *O evangelho apócrifo de Tomé*, documento que ganhou uma edição voltada ao segmento espírita (Miranda, 2007).

cuja primeira edição foi publicada em 1941 - também psicografada por Chico Xavier, esclarece a questão dizendo na página 35:

Levi, Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e sua esposa Cleofas, parenta de Maria, eram nazarenos e amavam a Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados “os irmãos do Senhor”, à vista de suas profundas afinidades afetivas.

Por fim, no item 7 do capítulo 14 de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Kardec (2002, [1864] complementa e também resolve definitivamente o problema interpretativo (ao menos para os espíritas) ao afirmar:

Pelo que concerne a seus irmãos, sabe-se que não o estimavam. Espíritos pouco adiantados, não lhe compreendiam a missão: tinham por excêntrico o seu proceder e seus ensinamentos não os tocavam, tanto que nenhum deles o seguiu como discípulo [grifo meu].

Eis porque Jesus confiou os cuidados de

Maria de Nazaré (profundamente cristã), ao apóstolo João, irmão de Tiago Maior, que a tomou como espécie de mãe adotiva, algo também ressaltado no livro *Boa Nova*, em consonância com os ditos de Jesus a ambos na cruz, conforme João 19 (26-27):

Então, ao ver Jesus a sua mãe e, de pé ao seu lado, o discípulo que ele amava, diz à sua mãe: Mulher, eis o teu filho. A seguir, diz ao discípulo: Eis a tua mãe. Desde aquela hora, o discípulo a recebeu em sua própria casa.

Além do longa-metragem de André Marouço, outro filme espírita foi elaborado sobre o ex-doutor da lei judaica, sendo este, porém, um documentário dividido em 15 episódios e exibido apenas no YouTube a partir de maio de 2020. Intitulado *Paulo de Tarso: o médium de Cristo*, foi produzido e narrado pelo advogado com mestrado em filosofia Paulo Cezar Fernandes. Semelhantemente à anterior, esta produção também é repleta de imagens, além de fotografias, colhidas em viagem de setenta dias

do diretor e sua esposa por lugares onde o apóstolo percorreu na Turquia, bem como: Israel, Grécia, Chipre e Itália. No documentário, ao menos, *Paulo e Estêvão* tem sua capa exibida, é mencionado algumas vezes e aparece enquanto um dos seis livros citados como obras de referência. Porém Fernandes opta por transcrever na tela exclusivamente trechos de *Atos dos Apóstolos*, ignorando a versão de Emmanuel sobre acontecimentos importantes, dentre eles o apedrejamento de Estêvão e as experiências de Paulo, pouco depois de sua conversão, tanto no Oásis de Dan⁷ quanto em Tarso. Mais que isso, o fundamental papel exercido pelo mártir na intermediação entre Jesus e o o tecelão de tarso é desconsiderado no próprio nome do documentário⁸. Verifica-se, portanto, que o livro

7 Na Carta aos Gálatas (1:15-17), Paulo de Tarso se refere a tal lugar, genericamente, apenas como “Arábia”.

8 Interessante observar que mesmo no filme *Irmãos de fé* (2004), da Columbia Pictures, que contou com consultoria do bispo emérito católico dom Fernando Figueiredo e a participação do renomado ator Tiago Lacerda e do famoso padre Marcelo Rossi, é reconhecido, de algum modo, o papel de Estêvão na trajetória de Paulo. Isto se dá pouco antes do final, quando a irmã do mártir, denominada no longa-metragem de Macária, aparece junto com o apóstolo de Tarso, estando ele em pranto, de joelhos e abraçado a ela enquanto esta lhe diz: “meu irmão está ao seu lado, abençoando e aprovando cada passo seu”.

psicografado por Chico Xavier é efetivamente secundário enquanto referência, na elaboração desta produção.

Biografias de Paulo de Tarso

Com o texto introdutório “Breve notícia”, Emmanuel explica, já no primeiro parágrafo da obra *Paulo e Estêvão*, o sentido da existência dela.

Não são poucos os trabalhos que correm mundo, relativamente à tarefa gloriosa do Apóstolo dos gentios. É justo, pois, esperarmos a interrogativa: - Por que mais um livro sobre Paulo de Tarso?

Há realmente muitas obras literárias sobre o pregador de Tarso, sendo a mais importante, do século XIX, *São Paulo* (1869), publicada no Brasil com o título *Paulo: o 13º apóstolo* (2003), do famoso historiador francês Ernest Renan (1823-1892). Tal livro, que aborda as epístolas paulinas, foi uma das duas declaradas referências para a primeira biografia nacional do tecelão de Tarso,

redigida pelo filósofo espiritualista catarinense Huberto Rohden (1893-1981) *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho* (2003), vendida também em livrarias espíritas. Bem mais conhecida que esta, em tal meio, é a obra do renomado escritor espírita fluminense Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013), editada em dois volumes, sendo o segundo sobre Martinho Lutero e o primeiro, publicado em 1974, a respeito do missionário de Tarso: *As marcas do Cristo: Paulo, o apóstolo dos gentios* (2010)⁹.

Editada pela FEB, o livro de Hermínio cita Renan e outras fontes, principalmente *Paulo e Estêvão*, cujo conteúdo o autor reproduz, sem uso de aspas, em mais da metade da obra, de modo misturado, portanto, com os seus escritos. Apesar de tal importância, o então presidente febianos, Francisco Thiesen - que prefacia o livro -

9 Hermínio Miranda também se baseia em Ernest Renan a quem atribui o fato de apontar, em seu respectivo livro, várias semelhanças entre Paulo de Tarso e Martinho Lutero. Geraldo Lemos Neto, que foi amigo próximo de Chico Xavier, apontou numa entrevista disponível no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=PykZk6GAKU> acesso em: 10/02/2021) que foi Emmanuel, através de Chico, que fez a Miranda a revelação de que Lutero e Paulo de Tarso são o mesmo espírito.

não o cita, optando por mencionar outras obras de Emmanuel: *A caminho da luz* (1939); *O consolador* (1941); *Caminho verdade e vida* (1949). O próprio Hermínio vai citar pela primeira vez, discretamente, *Paulo e Estêvão* já na página 60 do livro. Entretanto, ele faz questão de contradizer Ernest Renan e outros biógrafos de Paulo de Tarso, em prol da veracidade da obra de Emmanuel ao afirmar na página 59:

*Aos judeus, fala dentro de um contexto de formas-pensamentos judaicos. A prova está na sua belíssima Epístola aos Hebreus, que, de tão impregnada pela carga emocional do Apóstolo já envelhecido, é considerada por muitos como apócrifa*¹⁰.

No meio acadêmico, tem destaque o livro *Paulo: uma biografia* (2018), do teólogo inglês e bispo emérito anglicano, além de pesquisador da Universidade de Oxford e reconhecido especialista

¹⁰ Entretanto, pesquisas contemporâneas baseadas, em boa medida, na obra *Contra Celso* (2011), finalizada no ano 248 pelo teólogo egípcio Orígenes de Alexandria (185-254), reconhecem a autoria paulina desta carta (Andrade, 2003; Barbosa, 2018).

no Novo Testamento, Nicholas Thomas Wright. Antes dela, ele havia publicado uma obra bastante importante intitulada *Paulo: novas perspectivas* (2009). Também merece menção a biografia *Paulo de Tarso: história de um apóstolo* (2007), escrita pelo igualmente teólogo, mas irlandês e católico, além de padre dominicano e professor de Novo Testamento na Escola Bíblica de Jerusalém, Jerome Murphy-O'Connor (1935-2013). Ele havia publicado antes *Paulo: biografia crítica* (1996). Vale registrar que em seus livros apontados, Wright não cita O'Connor e ambos não mencionam Ernest Renan.

Embora não seja citado por nenhum dos autores listados acima, com exceção de Huberto Rohden, a biografia mais completa - dada a amplitude da investigação expressa na riqueza de dados expostos - é intitulada *Paulo de Tarso* (2008) e foi publicada originalmente em 1937 pelo católico padre alemão Josef Holzner (1875-1947), cuja cronologia de Paulo de Tarso, basicamente, corresponde à apontada também por Nicholas Wright. Fruto de uma pesquisa de

três décadas, o livro de Holzner¹¹, com 574 páginas (o também volumoso de Wright tem 477), cita Renan e mais outras dezenas de autores. Não por acaso, sua obra é a que mais se aproxima de *Paulo e Estêvão*, conforme veremos.

Cruzando biografias e textos bíblicos com a obra de Emmanuel

Algumas passagens de *Atos dos Apóstolos* contradizem *Paulo e Estêvão*, devendo-se parcialmente a isto a opção dos diretores de filmes espíritas por se basearem no livro bíblico do evangelista Lucas, em prejuízo da obra de Emmanuel. A principal contradição envolve a relação entre Paulo de Tarso e Estêvão, ainda encarnado. Em *Atos* e nas biografias do convertido de Damasco, afirma-se que o apedrejamento¹² ocorreu além dos muros, ou seja,

11 Obra da vida desse sacerdote, que foi capelão militar durante a I Guerra Mundial, depois pároco num pequeno município de seu país e professor de religião da também cidade alemã Munique.

12 Cabe dizer que Emmanuel (2013, p. 9; p. 298) não se refere a Estêvão como o *primeiro*, mas sim o “grande mártir do cristianismo” e, depois, o “mártir do cristianismo”. Ele faz isso de modo coerente, pois no livro *Há dois mil anos* (2009), publicado em 1939, dos mesmos: autor e médium, é relatado o martírio cronologicamente anterior de Simeão, aquele que encaminhou

fora da cidade de Jerusalém, de modo condizente, portanto, com o fato de, supostamente, não ter havido permissão da autoridade romana para a execução na cidade, tal como prescrito na lei do Império (Wright, 2018, p. 54) e também como acontecera em relação Jesus¹³. Cabe dizer que Lucas escreveu *Atos* na sequência do seu evangelho, algo que lhe havia sido sugerido por seu grande amigo Paulo, como se pode deduzir, de modo racional, independentemente do relato a respeito na obra de Emmanuel¹⁴.

No livro psicografado por Chico Xavier, quando Paulo está sendo levado preso a Roma, muitos cristãos vêm comovidamente até ele, em

para a seara cristã Lívia, a esposa do senador romano Públio Lentulus (Assunção, 2014a; 2014b), que, através da psicografia de Chico Xavier, foi revelado como reencarnação de Emmanuel.

13 Ocorre que Paulo de Tarso, conforme o livro de Emmanuel (2013, p. 110), solicitou pessoalmente ao procurador romano a permissão para a execução de Estêvão dentro da cidade o que a tornou, portanto, um ato legal.

14 O apóstolo dos gentios pretendia escrever um evangelho contendo, entre outras coisas, o relato sobre o nascimento de Jesus, por isso colheu, pessoalmente, o depoimento de Maria de Nazaré. Denota-se que, ao compreender que não daria conta da empreitada, devido às tarefas perante as comunidades cristãs formadas por ele e sua prisão, Paulo a delegou para Lucas - único evangelista a tratar de Jesus na infância - transmitindo-lhe as informações que já havia reunido até então.

Éfeso, se despedir e Lucas então lhe diz da intenção de registrar o fato em seus futuros escritos bíblicos. O missionário de Tarso, no entanto, determinou que isso não fosse feito e que tampouco o evangelista escrevesse sobre as virtudes pessoais paulinas. Conforme ressalta Hermínio Miranda (2010, p. 71), Lucas seguiu tal determinação. Mas em contrapartida, ele desobedeceu Paulo ao relatar parte de seus feitos virtuosos e, principalmente, ao permitir-se elaborar uma versão não criminalizante do apóstolo, ao menos quanto à deliberação e coordenação do extermínio de Estêvão. De minha parte, permito-me dizer que esta é uma lógica interpretação espírita do sentido de tal contradição entre os dois textos.

Faço tal interpretação baseando-me, ao menos parcialmente, numa seção do primeiro capítulo da obra do padre alemão, denominada: “Estêvão e Saulo”. Nela Holzner (2008, p. 33-34), relata algo que não consta do livro *Atos*, qual seja: o acirrado debate ocorrido entre ambos:

Seria um erro considerar a nova

Igreja como uma entidade independente e autônoma, com organização própria e separada do judaísmo. Por enquanto, apresentava-se unicamente sob a forma bastante livre de uma sinagoga, embora não contasse com um edifício próprio para o culto. Distinguia-se apenas por uma crença impressionantemente fervorosa no Messias, pela caridade fraterna que unia os seus adeptos, pelas refeições em comum e pelo culto místico e eucarístico a Jesus, aliás envolto num certo mistério (At 2, 42-46). Estêvão era um dos seus principais representantes, e aparentemente foi ele o primeiro a manifestar com clareza o valor definitivo e universal da Igreja, contrapondo-o ao significado preparatório limitado da Lei mosaica. Saulo encontrava-se, pois, diante de um inimigo respeitável. Dirijamo-nos por um momento a uma sinagoga de Jerusalém. Sobre o pórtico de entrada, lê-se em aramaico e grego; “Sinagoga dos Cilícios”. Gente de todas as comunidades da diáspora acotovela-se à porta, porque hoje é dia de grande luta. A casa está repleta; terminaram já a leitura da Escritura e o sermão, e começa a

controvérsia. Por detrás de um pilar, Pedro e João observam a cena. No centro, sobre um estrado mais alto, vemos Estêvão, e na sua frente destaca-se um vulto esguio, consumido por um fogo interior: é um jovem rabino de Tarso, que vai cruzar a espada com um dos maiores espíritos da jovem igreja (...) Compreendemos, pois, com que violência Estêvão e Saulo, os defensores de duas concepções absolutamente opostas acerca da vinda do Messias, tinham de enfrentar-se (...) Saulo era um contendor de forte talento oratório, mas Estêvão demonstrou ser-lhe amplamente superior. Ninguém podia resistir “à sabedoria e ao Espírito que o inspiravam” (At 6,10), ao passo que o fariseu só podia opor-lhe as áridas palavras da Lei: “Maldito todo o que pende do madeiro”

Baseando-se em alguns trechos de *Atos* e na sua pesquisa pessoal, Josef Holzner relata resumidamente o que Emmanuel (2013, p. 80-89) inseriu em detalhes em seu livro sobre Paulo de Tarso, quanto ao embate entre ambos, ocorrido

na Casa do Caminho, chamada pelo padre alemão de “Sinagoga dos Cilícios”. Nunca é demais dizer ao eventual leitor não espírita que Chico Xavier teria enorme dificuldade para acessar e consultar, com um intérprete, o livro publicado na Alemanha em 1937, apenas quatro anos antes de ele psicografar a referida obra.

Há também contradições entre *Atos* e algumas epístolas de Paulo. Os três pequenos trechos reunidos a seguir, do livro de Holzner (2008, p. 60-62), tratam disso e também do período de três anos, intervalo apontado também por Wright (2018), de isolamento desértico do aposto dos gentios cuja grande importância na comprovação da história de *Paulo e Estêvão* será abordada no presente artigo mais adiante:

Sobre os acontecimentos dos anos seguintes, existem divergências aparentes entre a narração de São Lucas e as indicações fornecidas pelo Apóstolo na carta aos Gálatas. Há, evidentemente, uma lacuna nos Atos. “Alguns dias” (At 9, 20) não são suficientes pra preparar uma atividade missionaria duradoura, e

também não é provável que Paulo tivesse começado a pregar logo após a sua conversão: não combina com o que sabemos das grandes almas que transfiguraram o mundo depois de se terem convertido (...) “Parti para a Arábia”. O termo “Arábia” era um conceito muito lato: aplicava-se a toda a península arábica até Damasco e mesmo até o Eufrates (...) Este retiro de quase três anos foi o tempo mais contemplativo (...) qui começou, sob a direção do Espírito de Cristo, o grande processo de transformação interior a que ele próprio se refere na Epístola aos Filipenses (3, 7-11).

Entre as biografias é também a de Josef Holzner (2008, p. 75; 79) a que interpreta de modo mais racional o período do ex-doutor da Lei na sua cidade natal Tarso - apontada nelas como sendo de uma década - após deixar Jerusalém já como cristão convertido, havendo notável similaridade com a indicação de apenas três anos, contida na história narrada por Emmanuel:

Parece-nos mais provável, porém, que vivesse no bairro dos judeus de

Tarso, na rua dos tecelões, pois já vimos que, como filho de fariseus, se exercitara quando jovem no trabalho de tecelagem (...) Há uma intrínseca probabilidade de que Saulo tenha passado os três ou quatro anos seguintes em silêncio, à espera de um novo chamamento de Deus. Por vezes, Deus faz esperar longamente os seus escolhidos. Como o Mestre em Nazaré, também Paulo devia estar preparado para o momento em que fosse chamado.

Vale registrar, entretanto, uma notável semelhança parcial com *Paulo e Estêvão* também na obra de Wright (2018, p. 99), que, com base na Carta aos Romanos (9:1-5), faz menção à decepção e tristeza do apóstolo em relação a seus parentes. O teólogo inglês também cogita a possibilidade de ele ter tido romance com uma mulher, sendo em seu entender, mas plausível que:

Paulo tenha sido prometido a alguém desde cedo, provavelmente à filha de algum amigo de família, e voltou para Tarso, ávido por vê-la outra vez, mas também preocupado de

*como tudo se desenrolaria e também orando para que ela também viesse a conhecer Jesus (...) Mas ela, ou os pais dela, haviam rompido o noivado ao descobrirem que o enérgico jovem Saulo havia retornado com sua cabeça e seu coração repletos da horrenda insensatez sobre o Nazareno crucificado. Teria Saulo conseguido, como dizemos, “esquecê-la? [grifo meu] *Ninguém sabe* (Wright, 2018, p. 101).*

Para finalizar esse cruzamento entre a obra de Emmanuel, biografias e textos bíblicos cabe dizer que Holzner (2008, p. 75) também sublinha a autoria paulina da Carta aos Hebreus, cuja escrita foi feita diretamente pelo convertido de Damasco, sem nenhum de seus jovens auxiliares grafando pergaminhos e marcada por bastante comoção, como registrado no livro psicografado por Chico Xavier:

Na Epístola aos Hebreus, que foi escrita segundo a mente do Apóstolo e contém boa parte do tesouro das suas ideias [grifo meu], alude-se precisamente à oração do Senhor na sua angústia mortal: “O qual nos

dias da sua carne, ofereceu preces e súplicas, com grandes brados e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte” (Hebr 5, 7).

Outros indícios e um fato que denotam a veracidade de *Paulo e Estêvão*

Além dos indícios de veracidade histórica de *Paulo e Estêvão* acima apontados, cabe indicar ainda mais três, todos relacionados à cidade grega de Corinto, onde nasceu o mártir e também sua irmã Abigail, que o livro aponta como noiva do apóstolo dos gentios, falecida pouco depois de se converter ao cristianismo.

Já foi dito no meio espírita, publicamente, por Haroldo Dias que as ruas da capital da antiga província de Acaia - descritas por Emmanuel como “suntuosas” - são de mármore, conforme as descobertas arqueológicas feitas (Crook, 2018, p. 32-33). Em viagens à aquela cidade, outros dois militantes espíritas observaram aspectos condizentes com o livro psicografado por Chico Xavier. Parceiro de Dias, o músico Júlio Adriano

Corradi indica que o tempo de um mês, que era necessário para um navio atravessar a antiga estrada de 6,4 km no istmo (estreita faixa de terra) sobre rodas de madeira - pois só foi construído em 1893 um canal de água ali¹⁵ - correspondia ao período que Jeziel (nome hebraico e anterior de Estêvão) permaneceu preso, com feridas cicatrizando, até que ele pudesse adentrar como escravo numa embarcação típica da época, denominada galera. Por fim, o literato Altino Mageste, que organiza viagens para grupos espíritas, sem fins lucrativos, àquela e outras cidades constantes das obras históricas de Emmanuel, aponta que os mapas de Corinto e a descrição detalhadamente feita no livro permitem localizar a prisão onde Estêvão, sua irmã e seu pai Jochedeb foram encarcerados.

Vistos estes indícios todos, chegamos, enfim, a um fato que evidencia a veracidade da história narrada por Emmanuel. Para entendê-lo, comecemos pelo que diz Josef Holzner (2008, p.

15 <https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=45269> Acesso em: 21/03/2021.

63; 82) sobre Paulo de Tarso:

Ele próprio preferia chamar-lhe “o meu evangelho”, “que não recebi nem aprendi de homem, mas por revelação de Jesus Cristo” (Gál 1, 12; cv. Ef 3, 4-5), ou seja, o seu conhecimento do plano de salvação universal anunciado por Deus. (...) Custa-nos avaliar como a permanência na Arábia e estes anos passados em Tarso foram importantes e decisivos pra a evolução interior e o amadurecimento da teologia paulina. Quando Paulo, nas suas cartas, fala tanto do ‘seu Evangelho’, é em Tarso que devemos procurar os princípios desse conhecimento maravilhoso.

E vejamos também a reflexão a respeito de Nicholas Thomas Wright (2018, p. 79; 84):

Aparentemente, ele havia sido acusado de extrair, dos apóstolos de Jerusalém, um “evangelho” de segunda mão. (...) Paulo, em outras palavras, não está apenas deixando claro em Gálatas 1 - 2 que seu “evangelho” lhe foi dado diretamente, e não adquirido, em

segunda mão, por meio dos líderes de Jerusalém, como também está esclarecendo que seu chamado e comissionamento o posicionaram na antiga tradição profética, seja de Isaías, Jeremias, seja do próprio Elias.

Além da Carta aos Gálatas e da Carta aos Efésios, tal referência de Paulo a “seu evangelho” está presente ainda em dois trechos da Carta aos Romanos (2:16 e 16:25) e naquela que foi a sua última epístola, a comovente Segunda Carta a Timóteo (2:8). Chama, de fato, atenção esse estranho personalismo de Paulo ao utilizar a expressão “meu evangelho” para a boa nova que, em verdade, é de Jesus. Holzner (2008, p. 63) buscou assim explicá-lo:

Isto não quer dizer que possuísse um evangelho diferente do dos outros Apóstolos; nesse caso, teria sido expulso da Igreja nascente. Mas anunciava-o com uma energia, uma coerência e uma força de palavra sem igual, e imprimia-lhe um cunho tão pessoal e inigualável, introduzindo nele o mundo do

intelectual helênico, que bem podia dizer: “o meu evangelho”.

Wright (2018, p. 80), por sua vez, também procurou dar uma explicação a respeito:

Paulo está, portanto, insistindo que sua mensagem partiu dele mesmo: ele a havia recebido do próprio Jesus, não de outros membros do movimento. Ela viera, diz ele “por meio de uma revelação de Jesus, o Messias” (Gálatas 1:12).

Se a interpretação feita por Holzner é racional e verossímil, a de Wright dá margem a pensar que Jesus teria feito revelações exclusivamente a Paulo de Tarso, algo, porém que o mesmo, em verdade, não explicitou nas suas epístolas e tampouco em *Atos*, escrito por Lucas. Considerando-se que o diálogo com o messias às portas de Damasco foi várias vezes mencionado, seria de se esperar que o mesmo ocorresse quanto a tais revelações, se elas houvessem.

Porém a interpretação feita por Josef

Holzner não é, contudo, satisfatória. Pois se considerarmos que o período paulino em isolamento de três anos, antes de ele dialogar por um período bastante curto (provavelmente algumas semanas) com os apóstolos em Jerusalém e também o intervalo seguinte, novamente isolado por três anos em Tarso, foram muito importantes para sua reflexão sobre Jesus, uma dúvida permanece. Qual seja: somente a releitura minuciosa dos textos da lei mosaica e dos profetas, à luz dos acontecimentos, então recentes ainda, teriam sido suficientes para todo o discernimento feito por ele? Se acrescentarmos a isso o fato de a expressão “meu evangelho” - ou se quisermos: “a minha boa nova”, objetivamente, portanto: não a de Jesus - ser atribuída a alguém como ele, cuja trajetória apostolar foi marcada pela abnegação, a dúvida a respeito só faz aumentar.

Pois é na obra de Emmanuel que se encontra, não apenas a explicação mais lógica do fato, mas a resposta a esse verdadeiro enigma: Paulo de Tarso usou a expressão “meu

evangelho” porque ele efetivamente possuía e guardava com bastante zelo pergaminhos contendo anotações sobre os ensinamentos de Jesus Cristo, ou seja, uma das cópias do evangelho escrito por Mateus, também chamado de Levi. Sendo este o único apóstolo com ofício típico de alguém letrado (cobrador de impostos) que permanecera seguindo o messias junto com humildes pescadores, era natural que buscasse fazer tal registro.

Conforme narra o livro psicografado por Chico Xavier, o “evangelho de Paulo”, havia sido doado a ele por seu ex-professor de infância e juventude, o também convertido rabino Gamaliel, ainda no início do primeiro período de isolamento paulino. Este, por sua vez, recebera o documento como presente das mãos de Simão Pedro, em retribuição por uma visita cordial feita à Casa do Caminho, antes ainda do martírio de Estêvão. Relata Emmanuel que, durante a primeira viagem missionária de Paulo, feita com seu amigo

Barnabé à Ilha de Chipre¹⁶, ambos sofreram um assalto enquanto estavam, à noite, numa caverna falando de um “verdadeiro tesouro”: o evangelho de Jesus em posse deles. Um dos dois ladrões, disse ter ouvido e então exigiu a entrega de tal riqueza junto com outros pertences, sendo isso feito serenamente pelo apóstolo tarsense. Vale reproduzir o diálogo que Barnabé e Paulo tiveram na manhã seguinte:

- Estou resignado com a carência absoluta de recursos materiais, mas não posso esquecer que nos subtraíram também as anotações evangélicas que possuíamos. Como recomeçar nossa tarefa? Se temos de cor grande parte dos ensinamentos, não poderemos conferir todas as expressões...

Paulo, todavia, fez um gesto significativo e, desabotoando a túnica, retirou alguma coisa que guardava junto do coração [grifo meu].

16 Já sem a presença do jovem João Marcos que deixara o trio para retornar a Jerusalém, sem não antes receber de Paulo de Tarso recomendações relevantes, algo que talvez o tenha influenciado a escrever, mais tarde, o Evangelho de Marcos, com base nas memórias de Simão Pedro.

- Enganas-te, Barnabé - disse com um sorriso otimista -, tenho aqui o Evangelho que me recorda a bondade de Gamaliel. Foi um presente de Simão Pedro ao meu velho mentor, que, por sua vez, mo deu pouco antes de morrer. (Xavier; Emmanuel, 2013 p. 312-313)

Como se pode ver, Paulo de Tarso não apenas possuía uma cópia do primeiro escrito sobre a boa nova de Jesus, mas tinha nela um grande valor simbólico-sentimental dada a trajetória que o documento teve até chegar às suas mãos, permanecendo consigo após aquele assalto, algo que o fez permitir-se chamar de “meu evangelho”. Com tal expressão o ex-rabino também parece advertir com veemência as comunidades cristãs formadas por ele para não distorcerem o evangelho, copiado igualmente por elas. Essa racional dedução só reforça a constatação da existência daquelas anotações. Contrariamente ao que afirmam pesquisadores, inclusive espíritas, em vez da Primeira Carta aos Tessalonicenses, portanto, foi aquele o primeiro

documento do Novo Testamento¹⁷.

Contribuições de *Paulo e Estêvão* e como o livro foi designado por Emmanuel

Além de ser a principal biografia do convertido de Damasco e também um fundamental registro histórico do cristianismo nascente¹⁸ o relato em *Paulo e Estêvão* contem, em detalhes, a valorização que o apóstolo dos gentios deu às mulheres nas comunidades cristãs, algo que Holzner (2008, p. 199-201) e Wright (2018, p. 101-102) ressaltaram em contraposição ao machismo amplamente atribuído a ele. Cabe dizer que o professor universitário e padre jesuíta polonês Norbert Baumert (1932-2019) também abordou o tema das mulheres na trajetória missionária de Paulo mediante uma ampla

17 Ao referir-se à Primeira Epístola aos Tessalonicenses em seu livro sobre as cartas paulinas, Cesar Perri de Carvalho (2016, p. 25), afirma: “Segundo Champlin [2014], seria o primeiro texto de autoria do Apóstolo e também o primeiro do Novo Testamento”. Já no filme *Paulo de Tarso e a história do cristianismo primitivo*, André Marouço assevera que o documento inaugural da segunda parte da Bíblia seria tal epístola de Paulo.

18 Emmanuel opta pelo termo *cristianismo nascente* em vez de *cristianismo primitivo*. Isto faz refletir, uma vez que ‘primitivo’ remete a ‘atrasado’, sendo que as destacadas comunidades cristãs pioneiras são, na verdade, referência para as contemporâneas.

pesquisa publicada na Alemanha em 1992 sobre as epístolas paulinas, incluindo erros cometidos de tradução delas (Baumert, 1999). Além de ressaltar a dignidade feminina, o livro psicografado por Chico Xavier traz ainda em uma nota a definição mais sucinta e clara existente sobre algo muito importante na Bíblia e no mundial segmento cristão:

Ninguém deverá ignorar que Espírito Santo designa a legião dos Espíritos santificados na luz e no amor, que cooperam com o Cristo desde os primeiros tempos da Humanidade.
(Xavier; Emmanuel, 2013, p. 7)

Creio que a presente reflexão sobre a veracidade do relato em tal livro cabe também, de algum modo, quanto às obras congêneres de Emmanuel, chamadas igualmente pela FEB e o movimento espírita de “romances históricos”. Neste sentido, vejamos o que seu autor diz nos três textos de introdução delas, respectivamente: *Cinquenta anos depois* (2004) [1940]; *Renúncia*

(2015) [1944]¹⁹; e *Ave, Cristo!* (2015) [1953].

Se leste as páginas singelas do ‘Há dois mil anos’ é possível que procures aqui a continuação das lutas intensas, vividas pelas suas personagens reais, na arena de lutas redentoras da Terra. É por esse motivo que me sinto obrigado a explicar-te alguma coisa, com respeito ao desdobramento desta nova história [grifos meus]. (Xavier; Emmanuel, 2004, p. 7)

Para as almas sinceras, que ainda solucem nos laços do desânimo e desalento, a história de Alcíone [grifo meu] é um bálsamo reconfortador”. (Xavier; Emmanuel, 2015, p. 8)

Alinhando, pois, as reminiscências deste livro, não nos propomos romancear, fazer literatura de ficção, mas sim trazer aos nossos companheiros do Cristianismo redivivo, na seara espírita, breve página da história sublime dos pioneiros da fé [grifos meus] (Xavier; Emmanuel, 2015, p. 8)

19 Tal livro foi objeto de investigação, quanto à veracidade histórica, do químico e pesquisador espírita, com doutorado na área ambiental, Gilmar Trivelato, havendo vídeos seus a respeito no YouTube.

Pode-se observar que na introdução das três obras, seu autor espiritual emprega a palavra *história*, em vez de *romance*, sendo isso categórico e explícito na última delas, publicada em 1953. Cabe, por fim, vermos como ele se referiu especificamente a *Paulo e Estêvão*. A primeira vez, em 18 de fevereiro de 1941, numa mensagem psicografada por Chico Xavier durante uma reunião doméstica na casa de seu chefe, Rômulo Joviano, na Fazenda Modelo - lugar onde a obra foi transcrita ao papel durante oito meses - Emmanuel utiliza o referido termo.

Que Jesus recompense a todos pela cooperação ao esforço humilde na história [grifo meu] do grande apóstolo dos gentios. (Xavier; Emmanuel, 2014, p. 153)

Porém, quatro meses depois e exatos treze dias antes de assinar o texto introdutório de *Paulo e Estêvão*, o mentor de Chico Xavier não utilizou a palavra *história* para se referir à obra:

Os retoques ao livro da biografia romanceada de Paulo de Tarso

poderemos concluir em breves dias.
(Xavier; Emmanuel, 2014, p. 159)

O uso da expressão “biografia romanceada”²⁰ não remete a uma biografia fictícia, mas sim a algo escrito com beleza literária, o que não significa redigida com omissão ou então suavização de fatos, por vezes, violentos. E isso é explicitado, mais uma vez, pelo próprio Emmanuel, também no texto introdutório da obra:

Esclareceremos, ainda, que não é nosso propósito levantar apenas uma biografia romanceada (...) A contribuição de Estêvão e de outras personagens desta história real [grifo meu] vem confirmar a necessidade e a universalidade da lei de cooperação. (Xavier; Emmanuel, 2013, p. 7; 9)

Devido aos escritos espirituais reproduzidos acima e por causa de tudo que já foi dito neste

20 Algo que aparece também na introdução do livro e que talvez tenha contribuído para a FEB classificá-lo como um romance histórico, tal como fizera com os dois anteriores.

pequeno artigo defendo que tais obras sejam reclassificadas pela FEB não mais como “romances históricos”, mas sim como *livros históricos* de Emmanuel, o que elas realmente são. Creio também que um glossário ao final de cada uma delas, contendo o significado das palavras ausentes do nosso cotidiano desta fase do século XXI ajudaria bastante a difundir sua importante leitura nos segmentos menos intelectualizados, ou seja, as popularizaria mais. E tenho bastante esperança de que *Paulo e Estêvão* se torne um belo filme espírita.

Conclusão

Foram objetivamente expostos neste singelo texto as razões pelas quais podemos reconhecer a veracidade da história narrada no livro *Paulo e Estêvão*. Além de fazer isso com base nelas, trata-se de considerar - sem qualquer traço de idolatria - o testemunho missionário de Chico Xavier junto com Emmanuel e guiado por este em suas obras psicográficas e na prática de vida. Há diversos vídeos disponíveis no YouTube de palestras

públicas nas quais é mencionado o fato de os protagonistas da história narrada no livro terem se tornado visíveis ao médium, muito comovido em pranto, quando terminada a psicografia do livro, para agradecerem a fidelidade com a qual ela havia sido transcrita.

Naquele momento, terminava uma empreitada que tivera início com uma reunião no mundo espiritual para tratar da elaboração dessa obra literária, supervisionada pelo próprio Paulo de Tarso, conforme relato de Arnaldo Rocha, que foi amigo próximo de Chico Xavier, contado diretamente a mim pelo também médium mineiro Wagner Gomes da Paixão. Por sua vez, outro amigo de Chico, além de editor de parte de seus livros e igualmente natural de Minas Gerais, Geraldo Lemos Neto, complementa nesse sentido ao afirmar que Emmanuel foi uma espécie de “médium da história de *Paulo e Estêvão* através daqueles que viveram essa história”²¹. Ele respalda tal afirmação em mensagem de

21 https://www.youtube.com/watch?v=_PykZk6GAkU Acesso em: 27/03/2021.

Emmanuel psicografada na casa de Rômulo Joviano em 25/06/1941:

A biografia de Paulo tem trazido muitas lembranças amáveis e preciosas de antigos companheiros de luta. Se fosse registrar todos os pedidos de amigos do grande apóstolo, o livro custaria a chegar ao término. São negociantes de Colossos, proprietários de Laudiceia, antigos trabalhadores de Tessalônica, figuras de toda a Ásia, antigos filhos do cativo e do patriciado de Roma, que me trazem subsídios para iluminar o quadro em que viveu o inesquecível apóstolo. Mas a relação se torna impraticável, contudo, tudo o que eu puder trazer-vos de agradável não deixarei de o fazer. (Xavier; Emmanuel, 2014, p. 155)

Para dizer, por fim, do propósito através do presente texto²² cabe relembrar o motivo pelo

22 Lembrando a *lei de cooperação* - mencionada por Emmanuel em sua obra, como visto acima - quero aqui agradecer às pessoas que dialogaram comigo, em algum momento, ou enviaram suas contribuições para a elaboração deste modesto artigo: Aíla Luzia Pinheiro Andrade, Almir Del Prette, Altino Mageste, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Flávio Mussa Tavares, Geraldo Lemos Neto, Gilmar Trivelato, Júlio Adriano Macedo Corradi, Tales Argolo,

qual Emmanuel ditou o livro a Chico Xavier:

Nosso melhor e mais sincero desejo é recordar as lutas acerbadas e os ásperos testemunhos de um coração extraordinário, que se levantou das lutas humanas para seguir os passos do Mestre, num esforço incessante. As Igrejas amornecidas da atualidade e os falsos desejos dos crentes, nos diversos setores do Cristianismo, justificam as nossas intenções [grifo meu, lembrando que por “igrejas”, evidentemente, se entende as comunidades cristãs em geral, inclusive as espíritas]. (Xavier; Emmanuel, 2014, p. 7)

O autor parece ter pretendido com sua obra, assoprar a brasa do real amor fraterno nas casas espíritas para que elas busquem, verdadeiramente, se inspirar nas autênticas comunidades cristãs, conforme o registro em *Atos dos Apóstolos* (2: 44-47), na descrição da Casa do Caminho até ocorrer a prisão de Estêvão, bem como da comunidade liderada por Barnabé e

Wagner Gomes da Paixão e minha esposa Margareth Cecoti de Souza.

Paulo em Antioquia e também, diria eu, da italiana Porciúncula medieval, conduzida por Francisco de Assis. E para encerrar este pequeno artigo em prol do reconhecimento da veracidade da história narrada por Emmanuel, há exatos 80 anos, deixo aqui algumas das palavras finais do Nosso Senhor Jesus Cristo na obra, ao recomendar a Paulo de Tarso (Xavier; Emmanuel, 2013, p. 378) que enviasse cartas às comunidades por ele formadas: “Poderás resolver o problema escrevendo a todos os irmãos em meu nome; os de boa vontade saberão compreender”.

Referências bibliográficas:

- ALEXANDRIA, Orígenes de. *Contra Celso*. 22ª edição. São Paulo, Paulus, 2011.
- ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. *Sombra e realidade: um estudo de Hb 10 à luz da 'perfeição' de Cristo*. Dissertação de mestrado em teologia. Belo Horizonte, FAJE, 2003.
- ASSUNÇÃO, Carlos Henrique Nagipe. Existência de Publius Lentulus ao tempo do imperador Tibério I: O cargo especial na Palestina. *Reformador*, ano 132, n. 2.221, abr. 2014a, p. 25 (215)-29 (219).
- _____. Existência de Publius Lentulus ao tempo do imperador Tibério II: O papel como senador e

cônsul suffectus. *Reformador*, ano 132. n. 2.222, mai. 2014b, p. 14(268)-19(273).

BARBOSA, Leonardo. A Carta aos Hebreus e a autoria paulina. *Sevorum Dei*, 6 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://illumservorumdei.blogspot.com/2018/01/a-carta-aos-hebreus-e-autoria-paulia.html>. Acesso em: 19/03/2021.

BAUMERT, Norbert. *Mulher e homem em Paulo*. São Paulo, Loyola, 1999.

CARVALHO, Antonio Cesar Perri de. *Epístolas de Paulo à luz do espiritismo*. Matão, O Clarim, 2016.

CELESTINO, Severino. *O evangelho e o cristianismo primitivo*. Ideia, João Pessoa, 2010.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*. Vols. 3-5. São Paulo, Hagnos, 2014.

CROOK, Wilson W. The Design and Layout of First Century A. D. Roman Cities. *The Journal Houston Archeological Society*, n. 138, 2018, p. 31-42 (https://www.researchgate.net/publication/339615669_The_Journal/figures?lo=1)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª edição. Curitiba, Positivo, 2004.

HOLZNER, Josef. *Paulo de Tarso*. 2ª edição. São Paulo, Quadrante, 2008.

KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Araras, IDE, 2002.

MIRANDA, Hermínio Corrêa de. *O evangelho apócrifo de Tomé: o verdadeiro cristianismo como foi ensinado por Jesus*. 4ª edição. São Paulo,

- Lachatre, 2007.
- _____. *As marcas do Cristo: Paulo, o apóstolo dos gentios*. Vol. 1. 6ª edição. Rio de Janeiro, FEB.
- MURPHY-O' Connor, Jerome. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo, Loyola, 1996.
- _____. *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*. São Paulo, Loyola, 2007.
- RENAN, Ernest. *Paulo, o 13º apóstolo*. São Paulo, Martin Claret, 2003.
- ROHDEN, Huberto. *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho*. São Paulo, Martin Claret, 2003.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo espírito Emmanuel. 45ª edição. Brasília, FEB, 2013.
- _____. *Há dois mil anos*. Pelo espírito Emmanuel 46ª edição. Rio de Janeiro. FEB, 2009.
- _____. *Cinquenta anos depois*. Pelo espírito Emmanuel. 32ª edição. Rio de Janeiro. FEB, 2004.
- _____. *Renúncia*. Pelo espírito Emmanuel. 36ª edição. Brasília. FEB, 2015.
- _____. *Ave Cristo!* Pelo espírito Emmanuel. 24ª edição. Brasília. FEB, 2015.
- _____. *Deus conosco*. Pelo espírito Emmanuel 4ª edição. Belo Horizonte. Vinha de Luz, 2014.
- _____. *Boa nova*. Pelo espírito Humberto de Campos. 37ª edição. Brasília, FEB, 2013.
- WRIGHT, Nicholas Thomas. *Paulo: novas perspectivas*. São Paulo, Loyola, 2009.

_____. *Paulo: uma biografia*. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2018.

2. A economia solidária no principal livro psicografado por Chico Xavier

A obra *Paulo e Estêvão* foi apontada publicamente por Chico Xavier em 6 de março de 1970, num programa televisivo do apresentador Silvio Santos, como o principal livro decorrente de sua mediunidade. Lido em primeira mão por Rômulo Joviano, chefe de Chico na Fazenda Modelo, onde ocorreu a psicografia por oito meses, o texto foi chamado por aquele homem de “manual do trabalhador cristão” (Tavares, 1986, p. 33). Ela traz a trajetória de Paulo de Tarso mediante o apoio de Estêvão, que, de vítima se tornou seu mentor espiritual. Na introdução do livro, Estêvão é apontado por Emmanuel não como o primeiro, mas sim “o grande mártir do cristianismo”. Isto porque no livro *Há dois mil anos* (FEB, 1939), dos mesmos: autor e médium, é relatado o martírio cronologicamente anterior de Simeão, aquele que encaminhou Lívia, a esposa do senador romano Públio Lentulus (reencarnação de Emmanuel), ao cristianismo.

Por seu turno, a economia solidária constitui um universo composto de empreendimentos econômicos pautados por princípios igualitários e democráticos, tendo como modelo a cooperativa autogestionária, onde todos os trabalhadores repartem os ganhos do modo mais equânime e equilibrado possível, buscando a convivência fraterna. O maior pensador dessa proposta é Paul Singer (1932-2018), que foi professor de economia na Universidade de São Paulo e condutor, entre 2003 e 2016, da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) no âmbito do Ministério do Trabalho. Autor de fundamentais livros sobre o tema (Singer, 1998; 2002), Singer costumava dizer que a economia solidária havia renascido no Brasil dos anos 1990. Ele fazia menção a experiências históricas, com destaque para a dos pioneiros do cooperativismo autogestionário moderno em 1844 na cidade inglesa de Rochdale. E considerava também algumas experiências comunitárias bem mais antigas.

Paulo e Estêvão apresenta a primeira

comunidade cristã, fixada em Jerusalém e chamada de Casa do Caminho, afinal antes de ‘cristãos’, os seguidores de Jesus Cristo eram chamados de “homens do caminho” (para a capital do judaísmo), lugar de onde eram recolhidos indivíduos necessitados: enfermos, deficientes, viúvas e órfãos pobres. A comunidade era mantida sobremaneira com doações de homens abastados da cidade que se solidarizavam com a causa, embora não rompessem com o farisaísmo para abraçar a nova tradição religiosa que nascia. Aristocratas desse grupo impunham constrangimentos judaizantes aos membros da Casa e isso angustiava muito seu líder Simão Pedro, que relata a situação ao ainda novato no apostolado cristão: Paulo de Tarso. Complementando a plantação de subsistência que Pedro já havia estabelecido lá, Paulo propõe algo maior:

Os órfãos, os velhos e os homens aproveitáveis poderão encontrar atividades além dos trabalhos agrícolas e produzir alguma coisa para a renda indispensável. Cada

qual trabalharia de conformidade com as próprias forças, sob a direção dos irmãos mais experimentados. A produção do serviço garantiria a manutenção geral. Como sabemos, onde há trabalho, há riqueza, e onde há cooperação, há paz. (Xavier; Emmanuel, 2013 p. 345)

Tratava-se da formação de um empreendimento de economia solidária para que as pessoas acolhidas pela comunidade cristã, já curadas e refeitas, pudessem trabalhar de modo a buscarem, tanto quanto possível, a emancipação econômica de todo aquele grupo que abrangia cerca de cem pessoas. Paulo então decide fazer uso de suas duras viagens missionárias para a coleta de recursos em prol da viabilização do intento.

Passados alguns anos, ele retorna à comunidade portando a “pequena fortuna” que é comovidamente recebida por Pedro. Seu substituto na Casa do Caminho, Tiago Menor, deu prosseguimento ao empreendimento:

Não obstante o banimento de Pedro,

procurou manter os serviços de assistência aos desvalidos, bem como a colônia de serviço [empreendimento de economia solidária], fundada por inspiração do convertido de Damasco e na qual os convalescentes e desamparados encontravam precioso ambiente de atividade remunerada e pacífica. (Xavier; Emmanuel, 2013 p. 404)

Há também o belo relato quando, bem mais tarde, Paulo de Tarso, já idoso, estava à caminho da prisão em Roma:

Mulheres humildes agradeciam os benefícios recebidos de suas mãos. Doentes curados comentavam a colônia de trabalho que ele sugerira e ajudara a fundar na igreja [comunidade cristã] de Jerusalém e proclamavam sua gratidão em altas vozes. (Xavier; Emmanuel, 2013 p. 435)

Alguns anos atrás, enquanto Paul Singer ainda atuava na SENAES, tive oportunidade de lhe explicar em que consistia a obra *Paulo e Estêvão* e ainda contar tais passagens, ao que ele reagiu

com surpresa e alegria. Judeu nascido na Áustria, que viveu no Brasil desde menino - foragido com a mãe do nazismo - ele se dizia ateu, mas foi a pessoa mais espiritualizada que conheci. Por seus ensinamentos e exemplo de vida, o professor segue inspirando, sobremaneira os que o conheceram e os que compartilham dos valores da economia solidária, algo que é, a meu ver, uma expressão socioeconômica do cristianismo. Por sua vez o profundo livro de Emmanuel e Chico Xavier vem sendo gradativamente reconhecido como *o manual do trabalhador cristão*.

Referências bibliográficas

- SINGER, Paul. *Uma utopia militante: repensando o socialismo*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- _____. *Introdução à economia solidária*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2002.
- TAVARES, Clóvis. *Amor e sabedoria de Emmanuel*. 6ª edição. Araras, IDE, 1986.
- XAVIER, Francisco Cândido. *Há dois mil anos*. 46ª edição. Rio de Janeiro. FEB, 2009.
- _____. *Paulo e Estêvão*. Pelo espírito Emmanuel. 45ª edição. Brasília, FEB, 2013.

3. Uma fundamental contribuição de León Denis, Paul Singer e Emmanuel

Após a desencarnação de Allan Kardec, em 1869, León Denis (1846-1927) se tornou talvez o maior propagador do espiritismo, tendo sido este francês da aldeia de Foug, próxima à cidade de Tours, fiel à codificação do grande compatriota de Lyon. Por sua vez, o economista Paul Singer (1932-2018), judeu austríaco de Viena e emigrado ao Brasil com sua mãe aos oito anos de idade, devido à perseguição nazista, foi docente da Universidade de São Paulo e gestor de relevantes políticas públicas.

Tendo sido meu professor e amigo próximo, Singer foi a pessoa mais espiritualizada que conheci nesta existência. Foi também o grande ideólogo e incentivador de um amplo conjunto de experiências de produção, consumo e crédito pautadas por princípios igualitários e democráticos. Tal conjunto tem o nome de economia solidária. Uma experiência desse tipo é

relatada no principal livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, de 1941, conforme apontado por ele próprio: *Paulo e Estêvão*²³.

Ambos, Denis e Singer, nasceram em famílias materialmente pobres, trabalharam ainda muito jovens, como operários, antes de se tornarem intelectuais. Também se dedicaram à causa do cooperativismo autogestionário, marcado pela distribuição tão equitativa quanto possível dos ganhos entre todos os membros (Nobre, 1982; Soares, 1984; Souza, 2018; Santos; Nascimento, 2018). Contudo, não creio que este tenha sido reencarnação daquele.

Outra semelhança entre eles é a crítica ao pensador e ativista alemão Karl Marx (1818-1883). León Denis rejeitou peremptoriamente a ideia marxista do “ódio entre classes sociais”, enfatizando a educação, em vez do conflito, como caminho para a positiva transformação da sociedade. Por seu turno, Paul Singer - que estudou profundamente, junto com outros

23 <http://grupochicoxavier.com.br/a-economia-solidaria-no-livro-paulo-e-estevao/>

pesquisadores uspianos, os textos de Marx - veio a apontar, já em sua maturidade, que eles não davam conta das condições necessárias para a equilibrada e perene transformação social.

Abro aqui um fundamental parêntese para dizer que a palavra *cristianismo* ainda causa temor e ojeriza em pessoas de determinados lugares do planeta devido às terríveis ocorrências históricas: Cruzadas e Inquisição, além do intolerante fundamentalismo que subiste. Continua, portanto, representando algo destruidor nesse imaginário. Todavia, como bem sabemos, o cristianismo - tal como iniciado pelo Nosso Senhor Jesus Cristo e revivido por grandes missionários como Francisco de Assis, Matinho Lutero, Allan Kardec, Bezerra de Menezes, Marthin Luther King, Teresa de Calcutá, Chico Xavier e Papa Francisco - nada tem de destruidor, muito pelo contrário.

É preciso também dizer com todas as letras que tanto León Denis quanto Paul Singer dedicaram seus escritos e, mais que isso, suas vidas à busca de algo que também gera, ainda hoje, grande confusão interpretativa: o socialismo.

Cada qual a seu modo escreveu a respeito e buscou efetivamente o *socialismo fraterno*, aquele que prima pela liberdade e é necessariamente democrático. Isso está presente no livro de Denis, decorrente de artigos editados na *Revista Espírita* em 1824: *Socialismo e Espiritismo*, publicado no Brasil e 1982. Trata-se de uma obra realmente importante e bela que ainda é negligenciada por parte do movimento espírita devido ao enviesado conhecimento do tema.

E está presente também no principal livro de Paul Singer: *Utopia militante: repensando o socialismo*, de 1998. Nesta obra, com base em dados históricos bem documentados, ele rejeita a ideia de socialismo centralmente planejado e autoritário, que é implantado mediante revoluções políticas. Como alternativa, Singer delinea o processo de ‘revolução social’ que levou à passagem do feudalismo ao capitalismo industrial. E aponta para a possibilidade de um caminho de transformação lenta - com base em mudanças culturais - para o socialismo democrático, que ainda não existe e no qual o mercado seguirá

tendo papel social importante, mas não tirânico e excludente, dado seu equilíbrio com o Estado e havendo nele destaque para a economia solidária.

É preciso dizer que, tanto no pensamento de Denis quanto no de Singer, não está presente a ideia de igualdade absoluta entre todos os indivíduos e tampouco a privação da liberdade de nenhum deles. Em consonância ainda, cabe lembrar que Emmanuel, o mentor espiritual de Chico Xavier, também tratou desse tema em quatro importantes obras, chegando a usar a expressão “socialismo cristão do porvir”²⁴.

Danosas distorções, práticas infelizes e o decorrente medo, como visto, tornaram o cristianismo erroneamente interpretado, sendo que o mesmo - guardadas as devidas proporções - ocorreu em relação socialismo, termo, equivocadamente, abominado ainda por grande da população. Tal medo, muitas vezes, gera hostilidade e, grosso modo, prossegue sendo

24 Livros: *Emmanuel*, de 1938 (capítulo 21, terceiro parágrafo); *A caminho da luz*, de 1939 (capítulo 24, segundo item); *O Consolador*, de 1941 (questões: 55 a 57); *Caminho, verdade e vida*, de 1949 (lição 61).

instrumentalizado politicamente. Mas, graças a Deus, os também missionários León Denis e Paul Singer, além de Emmanuel, nos auxiliam decisivamente na desmistificação e no esclarecimento a respeito.

Referências bibliográficas:

- DENIS, León. *Socialismo e Espiritismo*. Matão, O Clarim, 1982.
- NOBRE, Freitas. Prefácio. In: DENIS, León. *Socialismo e Espiritismo*. Matão, O Clarim, 1982.
- SANTOS, Aline Mendonça; NASCIMENTO, Claudio. *Paul Singer: democracia, economia e autogestão*. Marília, Lutas Anticapital, 2018.
- SINGER, Paul. *Uma utopia militante: repensando o socialismo*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- SOARES, Sylvio Brito. *Páginas de León Denis*. 2ª edição. Brasília, FEB, 1984.
- SOUZA, André Ricardo de. Professor Paul Singer e a economia solidária. *P2P & Inovação*, v. 5, p. 43-52, 2018.

4. Pedro e Paulo

Simão Pedro, como bem sabemos, foi o líder dos apóstolos - conforme designado por Jesus - tendo ele se redimido da negação do mestre divino após a crucificação e conduzido a primeira comunidade cristã, retratada no livro bíblico *Atos dos Apóstolos* e na obra do espírito Emmanuel *Paulo e Estêvão*.

Paulo Tarso, notoriamente, foi o convertido de Damasco, conforme as duas obras acima, que, de perseguidor se fez propagador do cristianismo, formando várias comunidades cristãs entre os povos pagãos, mediante suas viagens missionárias e a elaboração das epístolas bíblicas, sob orientação espiritual de Estêvão, de modo a tornar-se conhecido como o *apóstolo dos gentios*.

Neste pequeno escrito, queria relacionar esses pilares do cristianismo nascente com dois homens contemporâneos, a meu ver, bastante especiais, cuja amizade tive a felicidade de desfrutar e que merecem reconhecimento.

O primeiro é Pedro Santini (1933-2018), que nasceu em uma família com doze irmãos na cidade paulista de Cafelândia. Foi agricultor, depois mecânico de automóveis e metalúrgico em São Paulo, onde participou muito ativamente, como liderança de fato e também dirigente, de dois centros espíritas na zona norte da cidade. Estes são: o Núcleo Espírita Segue a Jesus (NESJ, existente desde 1939), no bairro da Casa Verde, onde ele ingressou em 1965; e o Núcleo de Estudos Espíritas Apóstolo Mateus (NEEAM, fundado em 1953), da Vila Nova Cachoeirinha, que, junto com sua esposa Duzolina Santini, ele conseguiu fazer retomar as atividades em 1989. O casal deu contribuições relevantes também em dois centros espíritas de diferentes municípios igualmente paulistas: Juquitiba e Iguape.

O segundo é Paul Singer (1932-2018), que com oito anos de idade veio de Viena, Áustria, ao Brasil com sua mãe costureira em fuga do nazismo por serem judeus. Tornou-se metalúrgico, depois professor de economia da Universidade de São Paulo (USP) e gestor de políticas públicas

importantes na prefeitura paulistana (1989-1992) e no governo federal (2003-2016). Foi idealizador e dedicado a um conjunto de práticas fraternas de produção, consumo e crédito chamado de *economia solidária*, experiência que se encontra em alguns países e tem registro também no início do cristianismo conforme *Paulo e Estêvão*, que é a principal obra trazida a público por Chico Xavier, conforme ele próprio²⁵.

Tal como o pescador de Cafarnaum, seo Pedro era também, caridosamente, muito acolhedor, alguém em quem boa parte das pessoas do NEEAM - assim como eu e de modo carinhoso - reconhecíamos uma espécie de “paizinho”. E deste modo era efetivamente chamado Simão Pedro pelos “filhos do Calvário” na Casa do Caminho. Certa vez, enquanto eu e minha mulher Margareth estávamos com ele e sua esposa na casa de amos, em Ilha Comprida, seo Pedro e eu fomos pescar num riozinho e rimos bastante por não apanhar um só peixe, porém nos

25 <http://grupochicoxavier.com.br/a-economia-solidaria-no-livro-paulo-e-estevao/>

lembramos dos irmãos pescadores: Simão Pedro e André.

Semelhantemente ao convertido de Damasco, o professor Singer ou Paulo Singer, como muitos o chamávamos, foi um operário que se tornou intelectual. Se aquele - que dominava as culturas: judaica, grega e romana - deixou de ser rabino para voltar a trabalhar como tecelão, este deixou de ser metalúrgico para se tornar um grande docente e pesquisador, porém sem perder a simplicidade operária. Tal como o jovem Timóteo foi para Paulo de Tarso, eu também, felizmente, pude ser para o professor quanto à economia solidária, tema sobre o qual organizamos um livro e atuamos juntos. Enfermo, pude visitá-lo várias vezes, até duas semanas antes do seu falecimento.

Tenho dito e já escrevi que Paul Singer, que se dizia ateu, foi muito generoso e a pessoa mais espiritualizada que conheci, nesta existência. Pouco depois da desencarnação de seu Pedro, pude conversar com sua esposa Duzolina dizendo que ele foi a pessoa mais amorosa que conheci.

Aquele, semelhante a Simão Pedro e este a Paulo de Tarso, são para mim, realmente, grandes referências e amigos espirituais.

5. A transição contemporânea

Entre os livros elaborados Allan Kardec, a partir de reflexões dele e respostas dos espíritos consultados, a *transição planetária* - conjunto de grandes mudanças neste nosso orbe - é abordada em *A gênese*. Já entre as obras de Emmanuel, o mentor espiritual do principal médium da história do espiritismo: Francisco Cândido Xavier, esse tema tem destaque em *A caminho da luz*. Neste modesto artigo, é focado em ambos os livros o atual período de grande mudança (transição) pelo qual o globo passa.

Muito se fala no meio espírita sobre a passagem entre os mundos: 1) primitivo; 2) de provas e expiações; 3) de regeneração. No primeiro, correspondente à “infância da humanidade”, observa-se a ausência ainda de uma referência moral coletiva. Do ponto de vista histórico e sociológico corresponde ao período politeísta em que a fidelidade a diversos deuses legitimava frequentes conflitos de morte entre

vários indivíduos e grupos, sendo o assassinato e sua vingança do mesmo modo socialmente aceitos por todos os povos. A consolidação do monoteísmo judaico com Moisés e o decorrente imperativo divino de não matar - chamado no meio espírita de Primeira Revelação - inaugura um novo tempo histórico, a saída da tal “infância”. Com a vinda dos ensinamentos de Jesus - a Segunda Revelação - passamos da adolescência à condição adulta da humanidade, quando a responsabilização pelos equívocos é, naturalmente, maior.

Pois bem, no último capítulo do livro *A Gênese*, intitulado “Os tempos são chegados”, Kardec afirma no item 5: “Essa fase que se elabora neste momento é o complemento necessário do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude”. Reproduzindo mensagem do espírito Doutor Barry - o codificador espírita, faz revelar que tal período de transição começara quase um século antes da publicação daquela obra, *mas, definitivamente, não mostra quando cessará*. Em contrapartida, diz

claramente como ele se dará, conforme os trechos que seguem:

“7. - Mas uma mudança tão radical quanto a que se elabora, não pode se cumprir sem comoção; há luta inevitável entre as ideias. Desse conflito nascerão forçosamente perturbações temporárias, até que o terreno seja diluído e o equilíbrio restabelecido. Será, pois, dessa luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não cataclismos, ou catástrofes puramente materiais (...) 14. - A Humanidade tornou-se adulta, tem novas necessidades, aspirações maiores, mais elevadas (...) É a um desses períodos de transformação, ou querendo-se, *crescimento moral*, que a Humanidade chegou. 20- (...) A geração que desaparece levará consigo os seus preconceitos e os seus erros; a geração que se levanta, banhada numa fonte mais depurada, imbuída de ideias mais sadias, imprimirá ao mundo o movimento ascensional no sentido do progresso moral, que deve marcar a nova fase da Humanidade (...) 27. - (...) Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se

cumprirá entre aqueles que a habitam; aqueles que fazem o mal pelo mal, e que o sentimento do bem *não toca*, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos (...) 28. - A época atual é de *transição* (grifo meu); os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra (...) 33. - (...) É de se notar-se que, em todas as épocas da história, as grandes crises foram seguidas de uma era de progresso. 34. - É um desses movimentos gerais que se opera neste momento, e que deve trazer o remanejamento da Humanidade.”

No livro *A caminho da luz*, Emmanuel faz um resumo sinteticamente comentado de toda a trajetória da Terra, desde sua formação geológica até a terceira década do século XX. Fazendo menção à Primeira Guerra Mundial, ocorrida entre 1914 e 1918, ele anuncia, no penúltimo capítulo, o acontecimento em breve do segundo grande conflito militar internacional que acabou por ocorrer na década seguinte. Na sequência, o mentor de Chico Xavier afirma: “Então a Terra,

como aquele mundo longínquo de Capela (sistema planetário de onde aqui vieram espíritos exilados quando estávamos ainda na fase primitiva, observação minha) ver-se-á livre das entidades endurecidas no mal”. Daí se pode depreender que no pensamento de Emmanuel a transição ao mundo de regeneração terminaria após a Segunda Guerra Mundial, o que não se verificou de fato. Porém uma interpretação, a meu ver, mais sólida é a de que teria iniciado, a partir daquele grande conflito, o período em que espíritos muito endurecidos não mais têm permissão para reencarnar na Terra - condizentemente, portanto, com o postulado de Kardec - e que *ainda está em curso*. Em outras palavras, o término daquele terrível acontecimento no meio do século XX não é apontado por Emmanuel como o início da nova grande fase do nosso planeta, mas sim o início de um período que faz parte do processo de transição, marcado pela interdição reencarnatória de espíritos que tiverem aqui sua última oportunidade.

Além de anunciar a Segunda Guerra Mundial, Emmanuel também fez outra previsão certa quanto ao deslocamento do poder político-econômico e militar e também do papel civilizatório no mundo: “(...) a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América (entenda-se às Américas, observação minha) o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir”. Intitulado “O espiritismo e as grandes transições”, o penúltimo capítulo de *A caminho da luz*, tal como o último de *A Gênese*, não aponta quando a transição planetária terminará, porém faz uma expressiva revelação, mencionando uma “nova reunião da comunidade das potências angélicas do sistema solar, da qual Jesus é um dos membros divinos”. Lembrando-se que a reunião anterior desse tipo acontece antes da vinda do mestre divino. Sem haver documento escrito a respeito, parte dos espíritas acredita que essa reunião já ocorreu, mas seja como for, ela está ligada, de algum modo, ao término do período transitório para o mundo de regeneração, caracterizado pela maturidade humana, que, bem

entendido, ainda não significará o fim de todos os males planetários.

6. Por um movimento espírita caridosamente crítico

I Olá André, para iniciarmos peço que discorra brevemente sobre sua inserção na doutrina espírita e no movimento espírita. Se possível relate local, período e circunstâncias.

Interessei-me pelo espiritismo em 1998 por influência da minha esposa, Margareth, à época minha namorada. No ano seguinte, passei a frequentar o Núcleo Espírita Apóstolo Mateus (NEEAM), da Vila Nova Cachoeirinha, periferia norte paulistana, algo que se acentuou devido ao adoecimento do meu falecido pai, Aníbal, acompanhando-o em tratamento no núcleo. Em 2004, enquanto cursava o doutorado em sociologia na Universidade de São Paulo, fui selecionado para fazer um estágio acadêmico entre setembro e dezembro na Escola Nacional Superior (ENS) em Paris. Tive uma grande surpresa e alegria ao descobrir, após selecionado, que ocorreria na capital francesa, na primeira

semana de outubro, o 4º Congresso Espírita Mundial, por ocasião do bicentenário de nascimento de Allan Kardec, do qual tive a felicidade de participar. De volta ao Brasil, fiz o curso de educação mediúnica e me tornei enfim um ‘trabalhador’ do NEEAM, casa da qual guardo carinhosa lembrança. Muito posteriormente, neste ano de 2020, passei a frequentar o Núcleo Espírita Coração de Jesus (NECJ), do Bairro do Limão, distante apenas três quadras da minha casa. Em termos de eventos do movimento espírita, fui apenas participante simples de um congresso na cidade mineira de Pedro Leopoldo e de um seminário em São Paulo, a convite de Antonio Cesar Perri de Carvalho, amigo que, gentilmente, já divulgou trabalhos meus no boletim do Grupo de Estudos Espíritas Chico Xavier (GEECX).

2 Cite alguns dos autores espíritas que você mais admira, especificando por quê.

Para mim, depois de Kardec, o grande autor espírita é Emmanuel, com obras fundamentais

psicografadas por Chico Xavier. Além dos grandes romances históricos e dos livros sobre trechos do Novo Testamento, este autor tem importantes contribuições para entender o desenvolvimento histórico-científico da Terra. Também oriundas da mediunidade do inesquecível Chico estão algumas obras importantes de Humberto de Campos e André Luiz. Os dois apresentam relatos valiosos para compreender o mundo espiritual, a mediunidade e aspectos da vida de Jesus e dos apóstolos. E o outro autor, a meu ver, com contribuição muito elevada é Léon Denis, com trabalhos sobre o caráter cristão do espiritismo e o socialismo fraterno.

3 Resuma a sua formação acadêmica e o que o levou a optar pela Sociologia.

Antes do doutorado, fiz a graduação em ciências sociais e mestrado em sociologia, também na USP. Durante todo o período naquela universidade, tive a orientação de um dos principais sociólogos da religião do país, o

professor Reginaldo Prandi. Interessei-me pela sociologia devido ao caráter eminentemente crítico desta ciência social. Também na USP, levado pelas mãos do saudoso professor de economia Paul Singer, passei a pesquisar e acompanhar iniciativas coletivistas de geração de trabalho e renda, denominadas economia solidária.

4 Como ocorreu sua inserção na pós-graduação, tendo como objeto de pesquisa a religião?

Durante a graduação (1994-1999), eu tinha interesse por questões que envolvem o trabalho na economia informal e por religião. Fui convidado por Reginaldo Prandi para ser seu bolsista de iniciação científica em sociologia da religião, pesquisando o catolicismo. Tomei gosto por esta área da sociologia e nela prossegui. O interesse por trabalho informal acabou me levando às atividades relacionadas com economia solidária, contando com grande estímulo de Paul Singer. Em uma pesquisa de pós-doutorado, que fiz na

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a supervisão do professor Luiz Eduardo Wanderley, tive oportunidade de conjugar sociologia da religião com o interesse por economia solidária. Após terminá-la, em 2010, ingressei no Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como professor onde permaneço.

5 Algumas das dissertações que você orientou foram publicadas, divulgando para a sociedade as pesquisas. Você poderia citar algumas dessas publicações?

Algumas dissertações de mestrado em sociologia de jovens que foram orientados por mim estão sendo divulgadas através da internet (fazendo a busca em: www.repositorio.ufscar.br). Aponto aqui três que não foram publicadas como livro e que abordam o espiritismo, tendo sido defendidas na UFSCar entre 2019 e 2020. A primeira, de Natália Torres, trata da disseminação dos estudos bíblicos no meio espírita e tem como título: *‘Jesus a porta, Kardec a chave’: a*

apropriação do Novo Testamento pelo segmento espírita”. A segunda, de Fernando Guimarães, aborda a interpretação espírita da homossexualidade e é intitulada: *Corpo e espírito: representações da homossexualidade no espiritismo de duas cidades paulistas*. E por fim a terceira, de Sérgio Ferreira, que aborda uma prática de cura sem incisões e a construção de um hospital para atendimento gratuito, tendo como título: *As cirurgias espirituais no contexto espírita paulista e a edificação hospitalar do Instituto Medicina do Além*. Tive ainda dois alunos de graduação que fizeram trabalhos de conclusão de curso sobre o espiritismo.

6 Seus orientandos de pesquisas que escolhem temas próximos do Espiritismo, em geral, são espíritas?

Alguns, sim, outros não.

7 Em seu modo de ver qual a maior motivação de um aluno na definição de seu tema, sobre religião?

Em alguns casos é a própria trajetória de vida deles ou de alguns familiares, mas há também puro interesse intelectual, sem componente religioso.

8 André, sua experiência em Paris ao participar do Congresso Espírita Internacional, deve ter sido um marco inesquecível. Penso que os leitores gostariam de alguns detalhes mais sobre esse acontecimento e o quanto ele lhe influenciou.

Gostei muito de ter participado daquele congresso, sobretudo pela maneira pelo relato lá de um palestrante belga, voltado à necessidade de acolhimento espírita dos indivíduos considerados diferentes. Entre as contribuições dos brasileiros me chamou bastante atenção a fala humilde e muito afetiva (remetendo-se a Chico Xavier) da saudosa médica brasileira Marlene Nobre. Foi a partir daquele evento que decidi ter engajamento num centro espírita.

9 Peça que, ainda que

resumidamente, você faça algumas considerações sobre o movimento espírita no Brasil, considerando a polarização política ideológica, ainda atual.

Penso que o movimento espírita é caracterizado por muitos discursos e vários eventos de grande e médio porte, parte dos quais, infelizmente, inacessíveis a pessoas de baixa renda (pelo menos este era o cenário pré-pandemia do novo coronavírus). Sendo eu ainda estudante, à época, pedi e felizmente obtive isenção da (elevada) taxa de inscrição naquele evento em Paris, organizado em grande medida por brasileiros. Como enfatizava Chico Xavier em sua coerência de vida, pelos muitos relatos que já ouvi e li, o espiritismo precisa se popularizar, se fazer verdadeiramente mais acolhedor às pessoas de mais baixa renda e escolaridade, os pobres dos quais falava Jesus. Creio que é fundamental harmonizar o trabalho assistencial feito às pessoas mais necessitadas, sobremaneira de modo silenciosamente discreto (como deve ser mesmo), com a acolhida respeitosa delas aos

centros espíritas, mediante a fala tão direta quanto simples e sensivelmente fraterna. Tal jeito marcado por humildade e caridade, conforme o exemplo do inesquecível Chico, a meu ver, precisa se harmonizar com a perspectiva cristãmente crítica a respeito de como a sociedade é e deve ser gerida pelos governantes. Isso implica inevitavelmente na rejeição de posturas violentas, autoritárias e socialmente elitistas, em favor do discurso coerente com a prática voltada realmente à paz, ao desarmamento da sociedade com busca de segurança pública, à profunda democracia, ao auxílio governamental para os vulneráveis, ao imposto progressivo sobre os materialmente mais ricos e à civilizatória distribuição de renda.

10 André é interessante a perspectiva que você levanta em sua análise sobre o movimento espírita. Entretanto, considerando o quadro atual, sobretudo com a pandemia, ela poderia ser um fator de aproximação entre os espíritas. Espera-se que cada um se esforce na solidariedade se

juntando com os companheiros de seus núcleos e individualmente, no trabalho de minorar o sofrimento da população carente. Você não acha que isso poderia “apapar”, um pouco as arestas e nos aproximar, independente das ideologias?

Sim, Almir, é exatamente isso. Preservando o senso crítico, é tempo realmente de buscarmos a união fraterna a despeito de opções político-partidárias e ideologias; de praticarmos a solidariedade, tanto quanto possível, em nossas comunidades e para além delas, junto às pessoas mais necessitadas, em face dessa pandemia que constitui uma imensa crise, a um só tempo: sanitária, econômica e civilizatória. Em face dela, somos todos os seres humanos chamados a repensarmos a maneira como nos relacionamos uns com os outros e, também com o planeta, de modo a preservá-lo de verdade. É tempo tanto de cobrar políticas sociais, principalmente de saúde pública e auxílio governamental efetivo a trabalhadores desempregados e informais, quanto de praticamos e valorizarmos a ajuda mútua e,

principalmente, às pessoas mais vulneráveis. De forma bastante dolorosa, esta profunda crise está nos ensinando e muito ainda nos ensinará em prol da fraternidade entre nós todos.

II Fique à vontade para enviar sua mensagem final aos leitores da revista.

Agradecido pela atenção, faço votos de que o segmento espírita no Brasil se torne menos meramente discursivo e mais ativo em solidariedade aos pobres e necessitados em geral, tal como o vivenciou Bezerra de Menezes, Chico Xavier e, atualmente, anônimos trabalhadores espíritas. Faço votos ainda de que os espíritas tenham mais consciência crítica das causas da desigualdade social e da necessidade evangélica de enfrentá-la, inclusive reivindicando sim políticas públicas coerentes tais como a renda básica da cidadania, a reforma agrária (pela qual passou todos os países desenvolvidos), o municipal orçamento participativo, a tributação condizente de grandes heranças e fortunas. Espero que o movimento espírita se aprofunde

nos estudos do Evangelho com base, sobremaneira, nas obras de Kardec e Emmanuel e, claro, dos textos bíblicos do Novo Testamento. Eu gostaria muito também que o segmento espírita se abrisse para atividades fraternas de diálogo inter-religioso, contrapondo-se às práticas exclusivistas e intolerantes. Tanto quanto realmente pudermos e com a imprescindível humildade, que possamos ser, verdadeiramente, “sal da terra” e “luz do mundo” (Mateus 5:13,14).

Sobre o autor



André Ricardo de Souza é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor-associado II do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e organizador, com Pedro Simões, dos livros: *Espiritualidade e espiritismo: reflexões para além da religiosidade* (Porto de Ideias, 2017) e *Dimensões identitárias e assistenciais do espiritismo* (Appris, 2020). É integrante do paulistano Núcleo Espírita Coração de Jesus.